

Dossiê Temático

Se eu digo que emudeci, nada do que eu digo estou dizendo. Aspectos do diálogo entre homem e Deus em “Floema”, de Hilda Hilst

Juliano Sippel*

Resumo

Neste artigo analiso as categorias de tempo (SINHA; GÄRDENFORS, 2014) e aspecto (DAHL, 1985), nomeadamente aspectos do pretérito perfeito do indicativo (TRAVAGLIA, 2016; CAMPOS, 1997; CAMPOS, XAVIER, 1991) do presente do indicativo (TRAVAGLIA, 2016), do gerúndio e da perífrase estar + gerúndio (MENDES, 2005), no texto “Floema” de Hilda Hilst (2003). Nesse texto a autora desenvolve um diálogo entre um homem (Koyo) e um Deus (Haydum), que se materializa à sua frente. À medida que a narrativa avança, o que se observa é a representação da impossibilidade de se estabelecer comunicação direta entre Homem e divindade. Em meio a essa inviabilidade de conversa, ao analisar alguns eventos desse texto como categorias aspectuais (acabadas, não acabadas, cursivas, durativas, perfectivas, imperfectivas), procuro sistematizá-los em momentos específicos, na tentativa de encontrar uma organização textual/discursiva do confronto que ali se apresenta.

Palavras-chave: Tempo e Aspecto. Pretérito Perfeito. Presente. Gerúndio. Perífrase de Gerúndio.

* Doutorando do programa de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Mestre em Estudos de linguagens, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Licenciado em Letras, pela Universidade Federal do Paraná. <https://orcid.org/0000-0002-9719-1143>.

“Se eu digo que emudeci, nada do que eu digo estou dizendo”. Aspectos del diálogo entre hombre y Dios en Floema, de Hilda Hilst

Resumen

En este trabajo analizo las categorías de tiempo (SINHA; GÄRDENFORS, 2014) y aspecto (DAHL, 1985), específicamente aspectos del pretérito perfecto de indicativo (TRAVAGLIA, 2016; CAMPOS, 1997; CAMPOS, XAVIER, 1991) del presente de indicativo (TRAVAGLIA, 2016), del gerundio y de la perífrasis estar + gerundio (MENDES, 2005), en el texto “Floema” de Hilda Hilst (2003). En ese texto, la autora desarrolla un diálogo entre un hombre (Koyo) y un Dios (Haydum), que se materializa delante del personaje. Según avanza la narración, lo que se ve es la representación de la imposibilidad de establecerse una comunicación directa entre Hombre y divinidad. En ese contexto, al pretenderse analizar algunos eventos de ese texto según categorías aspectuales (acabadas, no acabadas, cursivas, durativas, perfectivas, imperfectivas), busco organizarlos en momentos específicos, con el intento de encontrar una organización textual/discursiva del confronto que se nos presenta.

Palabras-clave: Tiempo y aspecto. Pretérito Perfecto. Presente. Gerundio. Perífrasis del Gerundio.

Recebido em: 24/03/2020

Aceito em: 08/06/2020

1 Introdução

Um pouco do propósito de utilizar as categorias linguísticas de tempo e de aspecto para analisar uma obra literária centra-se no fato de que a prosa de Hilda Hilst é considerada hermética e de difícil compreensão. Essa adjetivação deve-se, sobretudo, aos procedimentos de escrita adotados pela autora, e a esse respeito reproduzo as palavras do organizador de sua obra:

Aproveito a menção à noção de fluxo de consciência para me deter neste que é o seu principal recurso discursivo nos textos em prosa. Não se trata da forma mais conhecida de fluxo da consciência, na qual a narração se apresenta como flagrante realista de pensamentos do narrador. O fluxo em Hilda é surpreendentemente dialógico, ou mesmo teatral... O que o fluxo dispõe como pensamentos do narrador não são discursos encaminhados como uma consciência solitária em ato, ou em formação, mas como fragmentos descaradamente textuais, disseminados como falas alternadas de diferentes personagens que irrompem, proliferam e disputam lugares incertos, instáveis, na cadeia discursiva da narração. (PÉCORA, 2010, p.12)

Como explica Pécora, o procedimento narrativo denominado fluxo de consciência procura transcrever o processo complexo de produção do pensamento de um personagem. Na prosa hilstiana essa técnica é potencializada no sentido de que os diálogos entre seus personagens e as narrações dos eventos em diferentes tempos surgem de forma não linear e desconexa, o que torna um tanto penosa a tarefa do leitor em decifrar e compreender os textos da autora.

O texto que selecionei como objeto de análise está presente no livro **Fluxo-floema**, trata-se da primeira produção em prosa da escritora. Hilst compôs uma vasta obra nos três gêneros

literários – poesia, prosa e dramaturgia. De forma resumida, convém dizer que a autora publicou sua primeira obra – um livro de poemas – em 1950, seguiu publicando esse gênero e iniciou, em 1967, sua produção teatral – finalizada em 1969. A partir de 1970, ano de sua primeira publicação em prosa, Hilst seguiu publicando de forma alternada poesia e prosa até 1997. **Fluxo-floema** que, conforme dito, é sua primeira publicação em prosa, reúne cinco textos.¹ “Floema”, é o último texto presente no livro e basicamente discorre sobre uma conversa entre um personagem chamado Koyo e uma entidade divina, que se materializa à sua frente, chamada Haydum.

Por conta de ser a leitura da prosa hiltiana essa tarefa árdua, parece-me que um olhar analítico sobre seu texto, que busque dar conta de localizar e, depois, analisar os eventos que surgem em sua narrativa em dimensões de tempo e aspecto, pode apresentar-se como possibilidade de auxílio à compreensão. Em textos em que não há “atos ordenados a referir, mas apenas um apego irônico à língua e a um *locus* cenográfico mínimo composto” (PÉCORA, 2003, p.12), observar o que representa a duração das ações no tempo pode indicar caminhos interpretativos para o entendimento do que se narra. Esse é o caminho que buscarei seguir e exercitar.

2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 A noção de tempo

Sinha e Gärdenfors (2014) demonstram que o mundo da experiência humana é constituído por eventos em que *eu* e o

¹ Opto por chamar *texto*, ao invés de *conto*, para estar em consonância com o organizador da obra da autora, que diz que seus textos são de difícil enquadramento em quaisquer gêneros tradicionais da prosa (PÉCORA, 2010).

outro figuram como agentes, que executam ações direcionadas a outros agentes e objetos. Pode-se pensar que os objetos são a categoria ontológica mais fundamental do mundo físico, mas desde a aquisição da língua nos orientamos sobretudo sobre mudanças no mundo circundante e aprendemos a antecipar a regularidade dos eventos. Assim, a estrutura dos eventos juntamente com a combinação de componentes que codificam objetos, ações, localização e movimento são o alicerce para a construção do significado.

Diante dessa constatação, ao discorrer sobre tempo, espaço e eventos nas línguas, Sinha e Gärdenfors (2014) analisam o papel das narrativas, que expressam acontecimentos, eventos e surgimentos temporais e existem em todas as sociedades humanas. Esse papel tem absoluta relevância pelo fato de serem as narrativas fundamentais para o surgimento do eu e, por conta disso, ser possível compreender que a representação é a base fundamental do entendimento humano sobre o tempo – que, como domínio cognitivo, é emergente das representações de eventos. Concluem os autores que os seres humanos, em todas as culturas – embora com significativas variações entre a organização de esquemas –, interpretam a noção de temporalidade em termos dêiticos e sequenciais.

Essa reflexão sobre o tempo é também notável em Campos (1997), quando a linguista afirma que a importância atribuída ao tempo na língua portuguesa decorre do fato que nossa língua organiza o sistema verbal em torno do eixo temporal, localizando enunciador e enunciado no momento da enunciação – origem da estruturação da temporalidade discursiva.

Com base nesses autores, é possível compreender a noção de tempo como dêitica,² isto é, sempre associada a um eixo de

² Reproduzo o conceito de deixis, tal qual como descreve Levinson: “deixis is the study of deictic or indexical expressions in language, like you, now, today. It can be regarded as a special kind of grammatical property, in turn instantiated in the familiar

enunciação, que situa o momento de ocorrência de uma situação em relação ao momento em que é enunciada, sendo anterior (passado), simultânea (presente) ou posterior (futuro).

Quando trata dos conceitos de tempo e aspecto, Travaglia (2016) apresenta uma distinção da noção de tempo em três sentidos, que trago de forma resumida:

- I. tempo como categoria verbal, que corresponde às épocas passado, presente ou futuro;
- II. tempo como flexão temporal, que se refere aos paradigmas e agrupamentos de flexões das conjugações verbais; e
- III. tempo como entidade abstrata, que diz respeito a seu entendimento em sua ideia geral, isto é, sem a indicação pelo verbo ou a qualquer outro elemento da frase.

Essa distinção serve como ponto de partida para a introdução da noção de aspecto, que apresento na sequência.

2.2 A noção de aspecto

O conceito de aspecto está relacionado com a noção abstrata da categoria de tempo porque independe de localizações dêiticas ou morfológicas. Dahl (1985), em seu trabalho de descrição de tempo e aspecto em numerosas línguas, apresenta uma definição dessa categoria como sendo, grosso modo, as diferentes formas de se observar o constituinte temporal interno de uma situação: “Aspect thus has to do with the structure of the things going on or taking place in the situation described by the sentence” (p. 24).

grammatical categories of person, tense, place, etc” (2004, p. 100).

Travaglia (2016) atenta para o fato de que a conceituação de aspecto tem variado muito, mas reconhece como usual dizer que essa categoria seria

- I. a maneira da ação;
- II. a indicação da duração do processo, ou seja, sua estrutura temporal interna;
- III. o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si; e
- VI. a marcação de certas oposições como aquilo que é acabado do que não é acabado, aquilo que é começado do que não é começado.

É importante reforçar aqui que aspecto está relacionado à noção abstrata de tempo porque indica o espaço temporal ocupado por uma situação em seu desenvolvimento, de forma a marcar a sua duração – marca o tempo gasto pela situação em sua realização. Torna-se possível, então, aproximar Dahl (1985) e Travaglia (2016) pelo fato que ambos classificam a noção de tempo como interna à situação, e a noção de aspecto como externa à situação. Reproduzo a definição de Travaglia:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 2016, p. 43)

Dessa forma, por ser o aspecto, um ponto de vista sobre a situação descrita que indica a forma e a duração dessa situação no tempo, vista em Travaglia (2016) costuma-se separar três fases da situação, a saber:

- I. desenvolvimento da situação, que marca seu início, meio e fim;
- II. complemento da situação, que sinaliza se é completa ou incompleta; e
- III. realização da situação, que mostra se está para começar, se é começada ou acabada.

Além das fases, é habitual também, considerando o pensamento de Travaglia (2016), separar o aspecto das situações conforme o ponto de vista relativo ao seu desenvolvimento - início, meio e fim -; nesse caso, temos as noções de:

- I. inceptividade – noção aspectual caracterizada pelo início da situação;
- II. cursividade – noção aspectual caracterizada pela fase de meio da situação; e
- III. terminatividade – noção aspectual caracterizada pela fase de término da situação.

Outras noções que apresento aqui, por serem relevantes para a análise, e que ainda dizem respeito ao ponto de vista sobre determinada situação, são as de perfectividade, imperfectividade e duratividade. A primeira caracteriza-se por apresentar a situação como completa, isto é, o todo da situação mostra-se como único, com começo, meio e fim englobados e inseparáveis, como se a situação fosse vista de fora; a segunda, apresenta a situação como incompleta, não se mostra o todo da situação e o que normalmente se observa é uma de suas fases de desenvolvimento, como se a situação fosse vista de dentro. Duratividade, a sua vez, é o que caracteriza uma situação que se apresenta como tendo duração contínua limitada (TRAVAGLIA, 2016).

Apresento de forma breve, na sequência, as noções de aspecto comumente associadas ao presente do indicativo, ao pretérito perfeito do indicativo, ao gerúndio e à perífrase estar + gerúndio, na língua portuguesa.

2.2.1 Aspectos do presente do indicativo

Ao descrever o quadro aspectual da língua portuguesa, Travaglia (2016) detalha algumas características relacionadas ao tempo presente do indicativo, dentre as quais seleciono:

- I. imperfectividade – o presente do indicativo normalmente expressa aspecto imperfectivo;
- II. cursividade – sobretudo na língua escrita, por isso mais formal, o presente do indicativo expressa aspecto cursivo; e
- III. duratividade – quando trata de uma situação como cursiva e imperfectiva, o presente do indicativo pode apresentá-la, também, como durativa.

Por conta de todas essas características, o tempo presente do indicativo, normalmente mostra a situação como não acabada, ou começada, o que o leva a ser “incompatível com a perfectividade caracterizada pelo acabamento” (TRAVAGLIA, 2016, p. 131).

2.2.2 Aspectos do pretérito perfeito do indicativo

Campos (1997), ao opor os aspectos associados ao pretérito perfeito simples e ao pretérito perfeito composto, afirma que

aquele é “marcador de uma operação [...] de construção global de um processo, incluindo portanto as suas fronteiras inicial e final” (p. 28). Campos e Xavier (1991), ao oporem os aspectos associados ao pretérito perfeito e ao imperfeito, afirmam que o pretérito perfeito é construído como um todo fechado e acabado.

Em consonância com as linguistas, Travaglia (2016) também classifica o pretérito perfeito como aspecto perfectivo, que mostra a situação como completa acabada. Afirma que esse tempo verbal não expressa nenhum aspecto ligado à fase de desenvolvimento (a situação é sempre acabada) e nem à duração ou não duração da situação: “o que temos é uma abstração da duração, porque esse tempo é sempre perfectivo” (p. 136).

2.2.3 Aspectos do gerúndio e da perífrase estar + gerúndio

Travaglia (2016) mostra em seu quadro aspectual da língua portuguesa como tradicionalmente o gerúndio expressa uma ação durativa. O aspecto associado a essa forma verbal é inconcluso e imperfeito e a ação é apresentada como inacabada, cursiva e durativa.

Mendes (2005), em um estudo descritivo que analisa ao longo de séculos a alternância e predominância das formas estar + gerúndio e ter + particípio, no português brasileiro, observa que a partir do século XX o aspecto associado àquela perífrase³ é progressivo, durativo e imperfectivo. A ação é apresentada como cursiva e, não à toa, ao descrever o aspecto associado ao tempo presente do indicativo, Travaglia diz: “Embora o presente

³ Parece oportuno reproduzir a definição utilizada por Travaglia (2016), segundo a qual perífrase refere-se à qualquer aglomerado verbal em que se tenha um verbo auxiliar de um lado e um verbo em uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio ou particípio) de outro.

do indicativo marque o aspecto cursivo, os falantes preferem marcar esse aspecto através da perífrase ESTAR + GERÚNDIO ou ESTAR + A + INFINITIVO” (2016, p. 132).

3. ASPECTOS DO DIÁLOGO HOMEM-DEUS

Antes de discutir questões propriamente de aspecto, é importante recordar que a noção de tempo que apresentei nesse trabalho é interpretada em termos dêiticos e sequenciais. Dizer isso, significa compreender que o tempo emerge da representação de eventos associados a um dado momento de enunciação, e é desse momento que se localiza enunciador e enunciado como origem do eixo de temporalidade. Faz-se necessário, dessa forma, localizar na narrativa os eixos enunciação e os eventos associados a cada um deles, para analisar o aspecto das ações das quais os enunciadores são agentes.

Parece relevante retomar algumas reflexões de Benveniste (1989) a respeito da expressão da subjetividade, que ocorre, segundo o linguista, quando os sujeitos se apropriam do *eu* no momento da enunciação. Disso, temos uma noção de enunciado como ato sempre novo, porque “realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo de tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos” (p. 68). Emerge aqui a ideia de atualização, na medida que dizer *eu* é uma forma de atualizar a experiência do enunciado. Dito de outra forma, ao dizer *eu* o enunciador assume a posição de sujeito como centro de referência no sistema de coordenadas espaciais que se referem em torno dele.

É, pois, no eixo de enunciação que se produzem os índices de pessoa (a relação *eu-tu*) e os paradigmas de formas

temporais (organização dos verbos em tempo, modo, aspecto), determinadas a partir do *eu*, centro da enunciação – o que reforça o entendimento que a temporalidade é construída na enunciação por um enunciador, que atualiza a língua em um ato enunciativo no presente, com base no qual se estabelecem as noções de tempo passado e de tempo futuro (BENVENISTE, 1989).

Dito isso, localizo no texto “Floema” dois eixos de enunciação, a saber:

- I. eixo (1): enunciador Haydum (eu), enunciatário Koyo (tu); e
- II. eixo (2): enunciador Koyo (eu), enunciatário Haydum (tu)

Nesses eixos de enunciação os índices de pessoa se invertem na medida em que os personagens respondem um ao outro. O texto inicia com o eixo (1) – com a enunciação do personagem Haydum, que ocupa a posição *eu* e instaura o diálogo com o personagem Koyo, em segunda pessoa

Koyo, Emudeci. Vestíbulo do nada. Até... onde está a lacuna. [...] Koyo, não entendes, vestíbulo do nada disse, aí não há mais dor, aprende na minha frente o que desaprendeste. [...] Koyo, o que eu digo é impreciso, [...] tudo está para dizer, e se eu digo que emudeci, nada do que eu digo estou dizendo. (HILST, 2003, p. 225, grifos meus)

Desse excerto, além dos índices de pessoa, já é possível notar o papel exercido pelo aspecto associado ao tempo pretérito perfeito do indicativo, presente do indicativo e da perífrase estar + gerúndio, no sentido de observar se tais ações possuem as características de ser perfectivas ou imperfectivas, acabadas ou não acabadas.

Logo na primeira frase temos a instauração da enunciação, seguida do verbo “emudecer” flexionado na primeira pessoa do tempo pretérito perfeito do modo indicativo. Essa primeira frase “Koyo, Emudeci” apresenta a ação acabada, perfectiva, com fronteiras de início e fim demarcadas, do que se compreende que essa ação é fechada em si mesma – fato que deve tornar difícil a continuidade de um diálogo. Na sequência temos “Koyo, não entendes, vestibulo do nada eu disse”, uma ação no presente do indicativo, seguida de outra no pretérito perfeito do indicativo. A ação no tempo presente (“não entendes”) reforça o entendimento de que pela primeira ação do texto ser apresentada como perfectiva (“emudeci”) haverá dificuldade de principiar uma conversa: o tempo presente é imperfectivo e não acabado, denota que a ação se desenvolve em continuidade.

Na sequência, temos o reforço à primeira afirmação pretérita também em tempo pretérito perfeito: “eu disse”. Aqui novamente a voz do enunciador reforça que sua ação é acabada e perfectiva e finalmente, ao final do excerto, vemos essa ideia de forma mais clara com a sequência de verbos “digo”, “emudeci”, “digo” e “estou dizendo”. Tal sequência, em tempo presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, presente do indicativo e perífrase estar + gerúndio possui aspectos imperfectivo, perfectivo, imperfectivo e imperfectivo, respectivamente. Isso traduz-se na narrativa da seguinte forma: temos uma ação inacabada (“digo”) uma acabada (“emudeci”), o reforço da ação inacabada (“digo”) e o efeito de inacabamento instaurado (“estou dizendo”); significa que se o personagem disse no pretérito perfeito que emudeceu – como vimos, uma ação acabada e fechada em si mesma –, nada do que vier a dizer de forma imperfectiva e não acabada terá efeito, uma vez que a

causa já está enunciada: emudeceu. Temos então a confirmação da dificuldade do estabelecimento de um diálogo.

Apresento outro excerto que faz parte do eixo (1)

Eu não te fiz assim quando te fiz, éramos iguais em tudo, antebraço de pedra, peito extenso. [...] Preenchi o vazio com o que tive à mão, não sei nada das coisas que me dizes. [...] Desde o início te falo emudeci e nada me propões. [...] Ainda me escutas? Disseste PALAVRA? Cada vez mais, menos te entendo, agora flutuas. (HILST, 2003, p. 226-227, grifos meus)

Desse excerto, é notável primeiramente perceber as ações do enunciador elencadas em pretérito perfeito do indicativo: “fiz”, “preenchi” e “tive”. São três ações que se mostram acabadas e perfectivas, o que deve dar a pressupor que são inquestionáveis. É notável que, pelo fato de esse enunciador simbolizar uma divindade que se materializa à frente de Koyo, essas ações possuem fronteiras de início e fim demarcadas – o que torna possível associá-las às ações de Deus do livro Gênesis, vejamos um exemplo:

2 E a terra era sem a forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. 3 E disse Deus: Haja a luz; e houve luz. 4 E viu Deus que era a boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. 5 E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o a dia primeiro. (BÍBLIA, 2015, p. 1, grifos meus)

Os verbos destacados, todos no pretérito perfeito do indicativo, referem-se às ações dizer, haver, fazer, ver e chamar, que se apresentam de forma acabada e perfectiva – como são os feitos de Deus, devem ser indiscutíveis, pois sua criação nos é dada de forma fechada. De igual forma, as ações do enunciador

do texto de Hilst referem-se à criação⁴ divina e, portanto, apresentam-se no pretérito perfeito – cujo aspecto é, reforça-se, perfectivo e acabado.

No mesmo excerto, o enunciador reforça a ação pretérita de emudecer e utiliza o tempo presente do indicativo (“propões”, “escutas”, “entendo”, “flutuas”) para corroborar que não há entendimento nesse eixo de enunciação. Isto é, com aspecto imperfectivo, cursivo e não acabado, não há possibilidade de estabelecer um diálogo com Koyo, que não entende o enunciador, não propõe nenhuma alternativa à comunicação e flutua.

Apresento um terceiro excerto desse mesmo eixo (1) de enunciação, que evidencia de forma ainda mais evidente a impossibilidade de diálogo:

Chama-se língua, essa? Não, nada tem a ver com o que digo, te fazes catacumba, cripta, deixas a morte para depois. Se ali estaremos juntos? Como posso? Nada é junto de mim, nada é distante. [...] Abarco o meu próprio limite. [...] Agora me exasperas repetindo Palavra? (HILST, 2003, p. 231, grifos meus)

A pergunta “chama-se língua?” já é reveladora de que a comunicação que se estabelece nesse eixo é falha e imprecisa. Mas, atendo-se – conforme é o propósito aqui – aos aspectos associados ao tempo presente do indicativo dos verbos dizer, fazer, deixar, ser, abarcar e exasperar, observamos novamente o efeito de instauração de ações imperfeitas, cursivas e não acabadas. Se enunciador diz, enunciatário se faz, um estado habitual e durativo – estado de incompreensão, reforçado pelo verbo exasperar (causar atrito com o enunciador). A forma gerúndio na última frase reforça o estado imperfectivo do

⁴ Quando diz “éramos iguais em tudo”, o enunciador novamente se aproxima ao Deus da Gênese, que fez o Homem à sua imagem e semelhança (BÍBLIA, 2015).

presente; representa uma ação em progresso, um estado de repetir algo que o enunciador não compreende e revela a imagem de um enunciatário insistente, que exaspera e repete, que insiste em dizer e se fazer incompreensível, perturbando ainda mais a relação *eu-tu* inaugurada nesse eixo (1).

Passo agora a reproduzir e analisar alguns excertos do eixo (2), em que as posições se invertem – agora o enunciador Koyo ocupa a posição *eu* e instaura um diálogo com a entidade Haydum, em segunda pessoa:

Ah, não pode ser, Haydum, é só por todas as coisas que colocaste aqui na minha garganta, que falo contigo agora... A garganta é um muito que me deste, se estás me ouvindo me entendes... soubeste fazê-la muito bem, matéria delicada essa que canta com este tom, e pode cantar às vezes te louvando... (HILST, 2003, p. 233, grifos meus)

O aspecto associado ao pretérito perfeito do indicativo no verbo colocar evidencia que Koyo recebeu um legado acabado e fechado, por conta da imperfectividade desse tempo. Koyo afirma que herdou uma língua de Haydum (“as coisas que colocaste aqui na minha garganta”) e que, por isso, pode se comunicar com a entidade. Essa comunicação ocorre em tempo presente – portanto é inacabada, cursiva e imperfectiva. Observa-se, agora nesse outro eixo de enunciação, que a possibilidade de diálogo continua prejudicada: de um lado temos ações com fronteiras de início e fim demarcadas (a criação divina e a língua como legado dessa criação); de outro, a cursividade e habitualidade de alguém que tenta se comunicar, mas não é ouvido. Quando diz “deste” e “soubeste”, Koyo refere-se à língua como legado, língua com a qual – se é ouvida por Haydum, é entendida – pode-se louvar e cantar. Cabe ressaltar o uso do gerúndio em “ouvindo”

e “louvando”, que demarca ações progressivas e imperfectivas e instaura uma espécie de confronto que se prolonga ao longo da narrativa, um efeito de enfrentamento na medida em que, conforme enuncia no presente, Koyo questiona se Haydum lhe ouve, lhe compreende dessa forma prolongada, que deveria acompanhar sua enunciação em tempo presente: “se estás me ouvindo me entendes”.

Esse enfrentamento pode ser observado no excerto a seguir, em que Koyo ousa questionar a criação de Haydum

E a essência da substância, Haydum? [...] Me diz, Haydum, o que é a essência da substância. Me diz como tocaste a essência, que sopro ou gesto fez nascer o movimento. A língua, eu te repito, é matéria vibrátil. [...] a língua move-se e ferre, quando a língua do outro se move, Haydum, em mim nasce a ferida, quando a minha se move, Haydum, nasce a ferida no outro. (HILST, 2003, p. 237-238, grifos meus)

Koyo usa os verbos tocar e fazer no pretérito perfeito do indicativo para interrogar como se deram as criações de Haydum: pergunta como essa divindade tocou a essência, com que sopro ou gesto fez nascer o movimento. Por conta do aspecto vinculado a esse tempo verbal, percebe-se que a fala de Koyo está em consonância com a de Haydum, no sentido em que revela as criações dessa divindade como acabadas, como ações perfectivas. Koyo ousa, entretanto, inquirir esse estado porque, além de perguntar, enuncia em tempo presente uma possível explicação para a língua. É relevante aqui analisar o aspecto associado aos verbos ser, mover-se, ferir e nascer: por serem enunciados em tempo presente do indicativo, denotam um estado de ação em curso, habitual e durativa; acompanham o movimento dessa “matéria vibrátil” que é a língua na acepção

Koyo, uma matéria capaz de mover-se e ferir. A enunciação pode ser vista aqui como uma arma com a qual, quem ocupa a posição *eu*, fere quem ocupa a posição *tu*, e vice-versa. A imperfectividade característica do presente do indicativo, reforça esse estado segundo o qual a comunicação passa agora não só a não se efetivar, mas a gerar feridas, sempre que alguém usa essa “matéria vibrátil” para enunciar.

O excerto a seguir aponta o caminho seguido por Koyo como alternativa à ausência de diálogo mediado pela língua, seguido do desfecho da narrativa:

[...] aprendi tudo com as garras que me deste. Cheiro. Garra. Cheirando vou sabendo. [...] O caminho para te procurar. Agarro. Vê, estou aqui, ninguém mais está. [...] Porco-Haydum: tentei. (HILST, 2003, p. 239, 249, grifos meus)

Os verbos aprender e dar, que aparecem no pretérito perfeito evidenciam que Koyo sente-se confortável e seguro em relação ao uso que faz do legado recebido de Haydum, pois possuem estado perfectivo e acabado. Os gerúndios que seguem “cheirando” e “sabendo” corroboram essa percepção: representam, de forma progressiva e durativa, que essa segurança de Koyo produz resultado na medida em que, ao agir com o legado que recebeu, é capaz de compreender. Mais que isso, o verbo estar, que segue na sequência, também aparece como causa desse aprendizado de Koyo: em tempo presente, apenas ele está, em estado durativo, nesse local de embate com a divindade – local que ninguém mais está.

Ao final do texto, na última frase, Koyo dirige-se ao tempo pretérito perfeito do indicativo e diz “tentei”. Essa ação, por conta do aspecto a ela associado, é dada como perfectiva, acabada, com fronteiras de final demarcadas. Revela que Koyo desistiu de se fazer entender, desistiu de se comunicar com a divindade – o que corrobora que de fato não houve diálogo com Haydum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao procurar analisar o aspecto associado a tempos verbais em “Floema”, de Hilda Hilst, precisei fazer algumas escolhas. A primeira delas foi a de quais tempos selecionar – um texto com mais de vinte páginas geralmente é construído com muitos tempos e modos verbais. Então, primeiramente procurei verificar qual a predominância de tempos e modos usados pela autora e, em seguida, o que isso poderia evidenciar como força interpretativa do texto. Conforme expus, o objetivo desse trabalho foi o de buscar uma alternativa à compreensão desse texto.

Dessa leitura, observei uma predominância do uso do tempo presente do indicativo, e do gerúndio. Também notei maior frequência do uso do tempo pretérito perfeito do indicativo, em detrimento do imperfeito, que de fato surge muito pouco na narrativa. Assim, procurei analisar de que maneira a observação do aspecto associado aos tempos presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, gerúndio e da perífrase estar + gerúndio poderia servir como espécie de guia para uma organização discursiva da obra.

Localizei dois eixos de enunciação no texto e procurei demonstrar com excertos como, em cada eixo, os personagens enunciavam e que associações aspectuais se depreendiam de tais enunciados. Acredito ser relevante dizer que, em ambos os eixos de enunciação o uso do tempo pretérito perfeito do indicativo, pelo aspecto que se lhe associa, instaura no texto um efeito de ações acabadas, perfectivas, com fronteiras de início e sobretudo de fim demarcadas. Tal efeito se mostra nas ações da entidade Haydum, que, em sintonia com as de Deus do livro Gênesis, são inquestionáveis pois possuem a característica de ser criações

fechadas em si mesmas, finalizadas, e também nas de Koyo, que recebe o legado da criação e pouco pode modificá-lo. O uso do tempo presente do indicativo e do gerúndio (e também da perífrase estar + gerúndio), a sua vez, por ter aspecto cursivo, habitual e durativo, instaura no texto um efeito de enfrentamento. Um *continuum* de enfrentar, interrogar e não obter respostas, que se traduz na ausência de diálogo entre os personagens.

Podemos nos questionar, tal qual Koyo, que língua é necessária para se comunicar com Deus? Sem dúvida uma questão universal e atemporal, que segue perdurando em estado durativo, como bem simboliza “Floema”.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes: 1989.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada contendo o Velho e Novo Testamento**. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Salt Lake City, Utah, EUA, 2015.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. **Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística portuguesa**. Porto: Porto Editora, 1997.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa; XAVIER, Maria Francisca. **Sintaxe e Semântica do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

DAHL, Östen. **Tense and Aspect Systems**. New York: Basil Blackwell Ltd, 1985.

HILST, Hilda. **Fluxo-floema**. São Paulo: Globo, 2003.

LEVINSON, Stephen C. **Deixis. The Handbook of Pragmatics**. Blackwell Publishing, 2004, pp. 97-121.

MENDES, Ronald Beline. **Ter + participípio e estar + gerúndio - Aspecto e variação no português**. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. In: **Fluxo-floema**. São Paulo: Globo, 2003.

PÉCORA, Alcir. **Por que ler Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2010.

SINHA, Chris; GÄRDENFORS, Peter. Time, space, and events in language and cognition: a comparative view. **Ann. N.Y. Acad. Sci**, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: EDUFU, 2016.